



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE SOCIOLOGIA**

JOELDER LEITE DA SILVA

**ENTRE SKATE E HARDCORE PUNK: CONTRIBUIÇÕES A UMA LEITURA DOS
USOS DO ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE A PARTIR DA BANDA T.O.S.I.
(BAIRRO DAS MALVINAS - CAMPINA GRANDE(PB)).**

**CAMPINA GRANDE
2023**

JOELDER LEITE DA SILVA

**ENTRE SKATE E HARDCORE PUNK: CONTRIBUIÇÕES A UMA LEITURA DOS
USOS DO ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE A PARTIR DA BANDA T.O.S.I.
(BAIRRO DAS MALVINAS - CAMPINA GRANDE(PB)).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para à obtenção do título de Licenciado em Sociologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Jackeline
Feitosa Carvalho.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S568e Silva, Joeldeir Leite da.
Entre skate e hardcore punk [manuscrito] : contribuições a uma leitura dos usos do espaço público na cidade a partir da Banda T.O.S.J. (Bairro das Malvinas - Campina Grande (pb)) / Joeldeir Leite da Silva. - 2022.
26 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
Orientação : Profa. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho. "COORDENAÇÃO DO CURSO DE SOCIOLOGIA - CEDUC."
1. Direito à cidade. 2. Banda musical. 3. Espaço público. I.
Título
21. ed. CDD 711.5

JOELDER LEITE DA SILVA

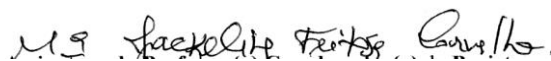
**ENTRE SKATE E HARDCORE PUNK: CONTRIBUIÇÕES A UMA LEITURA DOS
USOS DO ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE A PARTIR DA BANDA T.O.S.I.
(BAIRRO DAS MALVINAS - CAMPINA GRANDE(PB)).**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em Sociologia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para à obtenção do título de
Licenciado em Sociologia.

Área de concentração: Sociologia Urbana.

Aprovada em: 25/07/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ernani Martins dos Santos Filho
UAETSC/CFP/UFCG



Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva
DCS - UEPB

A toda minha família, amigos e professores que trilharam essa jornada juntos a mim. A vocês, DEDICO.

“Veja, os garotos ainda estão aqui
Gritando por mudança
Veja, eles ainda acreditam
Em se unir, lutar, ganhar poder

Se não somos iguais

O que nos mata é sempre o mesmo

Venceremos!!!

Se não estamos unidos
Saibamos o que derrubar

Venceremos!!!

Se não for por você que seja pelo seu igual

Venceremos!!!

Faça por você! Faça por todos nós! Faça por ninguém!”

Dead Fish - Venceremos

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Conjunto Álvaro Gaudêncio.....	14
Figura 2 –	Encarte do Split Imperial War.....	15
Figura 3 –	Concha da Praça Clementino Procópio.....	17
Figura 4 –	Redoma Parque Evaldo Cruz – Açude Novo.....	17
Figura 5 –	Cineteatro São José – Parte Externa.....	17
Figura 6 –	Pirâmide Parque do Povo.....	17
Figura 7 –	Redoma Parque de Bodocongó.....	18
Figura 8 –	Galpão Museu do Algodão.....	18
Figura 9 –	Restaurante Abandonado.....	19
Figura 10 –	Redoma do Skate – Açude Velho.....	10
Figura 11 –	Pista de Skate – Projeto Cidadania.....	20
Figura 12 –	Estrutura Cantinho da Benção.....	21
Figura 13 –	Cantinho da Benção.....	21
Figura 14 –	Movimento Hardcore Antifa PE	22
Figura 15 –	Coletivo M-1.....	22
Figura 16 –	Cena Underground nas Ruas PE	23
Figura 17 –	Coletivo O Front.	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	BAIRRO DAS MALVINAS: morar, ocupar e cantar	12
3	A BANDA T.O.S.I E O DISCURSO DIY.....	15
4	CAMPINA É GRANDE, NÃO PARA A CENA INDEPENDENTE.....	15
5	REAPROPRIAÇÃO DOS LOCAIS PÚBLICOS	17
6	A JUVENTUDE HARDCORE QUE NÃO OCUPA	20
7	CONCLUSÃO.....	21
	REFERÊNCIAS	22
	APÊNDICE A	23
		25

**ENTRE SKATE E HARDCORE PUNK: CONTRIBUIÇÕES A UMA LEITURA DOS
USOS DO ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE A PARTIR DA BANDA T.O.S.I.
(BAIRRO DAS MALVINAS - CAMPINA GRANDE(PB)).**

Joelder Leite da Silva

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso Entre Skate e Hardcore Punk: contribuições a uma leitura dos usos do espaço público na cidade a partir da banda t.o.s.i. (bairro das malvinas - Campina Grande(pb), objetiva fazer uma reflexão do direito a cidade a partir do olhar da banda T.O.S.I. (Todos Obrigados ao Sistema Imundo), dos seus usos como praticantes de skate e das ocupações em espaços públicos. Utilizando de minha participação da cena efetuei um mapeamento chegando na banda T.O.S. I.Utilizando da observação direta para nortear a pesquisa, a minha inserção como expectador logo foi substituída para executor, substituindo a curiosidade por indagações, através da entrevista semidiretiva onde foi elaborado um roteiro previamente, deixando a banda falar livremente sobre as indagações acerca do seu bairro, skate, cidade e ocupações de espaços públicos. A falta de organizações coletivas se torna o maior empecilho para a cena independente/underground possa desenvolver suas ações na cidade, ocupar espaços e dialogar com o poder público.

Palavras-chave: Banda. Skate. Ocupação. Hardcore.

ABSTRACT

This course conclusion work Between Skate and Hardcore Punk: contributions to a reading of the uses of public space in the city from the t.o.s.i. (district of malvinas - campina grande (pb), aiming at a reflection of the right to the city from the perspective of the band T.O.S.I. (All Thanks to Systema Unclean), its uses as skateboarders and occupations in public spaces. direct vision for members and openly. curiosity for inquiries through semi-directive interview where it was a previously prepared script, promoting about their neighborhood and occupations being occupied. independent/underground can develop their actions in the city, occupied space and dialogue with power public.

Keywords: Band. Skateboard. Occupation. Hardcore.

1 INTRODUÇÃO

A música underground¹ de Campina Grande – PB está inserida na minha vida desde a adolescência, em concomitância com a criação das redes sociais na internet, marcou uma nova onda na cena underground: agora ela pode ser vista sem necessitar das mídias como TV, rádio e jornal. A relevância desse TCC está na verificação dos discursos da banda T.O.S.I. (Todos Obrigados ao Sistema Imundo) em relação ao uso da cidade dentro do seu contexto urbano, sendo originária do bairro das Malvinas em Campina Grande – PB, que apresentou um histórico de luta e ocupação pelo direito à moradia na cidade. A escolha pela banda se dispõe pelas suas letras e o envolvimento com o uso da cidade através do skate, se destacando com uma banda que usa os espaços públicos da cidade promovendo socialização através de eventos artísticos, espaços que de maneira gradual entram em desuso e deixam de serem ocupados.

Aqui se faz importante que explicito a metodologia adotada para compor a construção desse TCC, uma vez que exige certos caminhos a serem traçados durante todo o processo de isolamento em decorrência da Covid-19 para que possamos investigar e refletir sobre o tema proposto. Primeiramente, para definir o tema refleti previamente nas possibilidades que oferece, com o objetivo de aprofundamento de um grupo que pertenço desde a minha adolescência, executei uma pesquisa exploratória mapeando em quais bairros se situa o foco de bandas que fazem parte da cena independente especificamente inseridas dentro do estilo Hardcore com as características referenciadas aqui, encontrei o bairro das Malvinas, além de um novo mapeamento executei entrevistas informais através do whatsapp com dois atores da cena independente que promovem shows e alguns integrantes das bandas encontradas, descobri que a maioria não estava mais na ativa, chegando ao nome da banda T.O.S.I, ao qual já era um grande fã e conhecido do vocalista, já previamente sabendo que as letras da banda são carregadas de observações e contextos que elevam as dificuldades de uso da cidade e amplifica a negação ao seu direito. Utilizei da minha participação na cena independente/underground enquanto seguidor, já havendo assistido diversos shows, através da pesquisa comecei a participar ativamente das ações da banda em relação a cidade e o bairro.

Ao final do ano de 2011 surgiu a primeira formação da banda, somente em 2012 houve a sua primeira apresentação, os membros que saíram e entraram sempre ligados ao skate como elo principal e o hardcore, o primeiro material foi lançado em 2013 intitulado de “Todos Obrigados ao Sistema Imundo”, em 2017 foi lançado o Split com banda Brain Explode e em 2019 o ultimo material solo da banda sendo o seu título “O silencio que não paga !”, além de seus álbuns solos, a banda também participa de várias coletâneas Nordeste a fora, como o “Circuito antifascista Nordeste: unidade na resistência”, “Nordeste em Chamas”, “Nordeste Antifascista” e “Punkadaria Antifascista”. As letras da banda são em sua maioria abraçadas ao teor anarquista/esquerda, fazem questão de mostrar que o discurso proferido nas letras não é necessariamente ideológico no sentido político partidário, mas no sentido de autonomia do indivíduo, combater um sistema que a banda acredita que esteja

¹ É chamado de **música underground** ou **música** alternativa aquela que desenvolveu um número considerável de admiradores, sem, no entanto, obter sucesso comercial. Este tipo de **música** de um modo geral possui pouco ou nenhum apelo de massa, visibilidade ou presença comercial.

matando os indivíduos, seja na questão da competitividade do capitalismo, como na liberdade em andar de skate pelas ruas usufruindo do seu direito a cidade, letras que passam por falas sobre cultura e anticapitalismo, como podemos ver no *Split Imperial war* um trecho da letra *Capital*:

Somos vítimas do capitalismo
 Não nos foi ensinado o que é respeito
 Mão de obra semi-escravizada
 Se tendo dinheiro a tudo tenho direito

Somos produtos, nos comprar
 Somos produtos, nos enlatar
 Somos produtos, nos amassam
 E sempre está tudo bem
 Desde que se comprar os horários.
 [...]

E um trecho da letra *Belo Monte* do mesmo álbum:

Vítimas inocentes da mesma barbárie
 Assim como no passado colonizou e matou
 Invadindo as terras dos índios KAIOWÁS
 Promovendo genocídio

Para o Belo Monte construir
 Pros gringos vir morar aqui
 E a energia não faltar
 [...]

As letras são concebidas no sentido de gerar um debate, um tema que a Banda entenda ser relevante é transformado em música, abrindo espaço para encontrar alguma solução de como agir, sempre pontuando na liberdade do indivíduo. O tipo de cidade que nós queremos não pode ser descartada do tipo de laços sociais, da relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos desejados, o direito a cidade está muito longe de ser uma liberdade individual de acessar os recursos urbanos, é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade, o tipo de cidade que queremos está relacionada ao tipo de pessoa que quero ser, os tipos de ser relação que eu busco como ator social, que estilo de vida desejo levar, para David Harvey o direito a cidade é “muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos (HARVEY, 2014, p.28), essa transformação da cidade depende inevitavelmente do exercício do poder coletivo de moldar o processo de urbanização, como destacado pela banda na mudança da praça redonda do açude velho.

A liberdade de construir e reconstruir a cidade cabe a nós mesmos, David Harvey explica que “todos aqueles cujos trabalho está envolvido em produzir e reproduzir a cidade tem um direito coletivo não apenas aquilo que produzem, mas também que tipo de urbanismos deve ser produzido, onde e como” (HARVEY, 2014,

p.245). Essas apropriações exigem que se transforme a propriedade pública em ocupação pública artística, mas é preciso como diz Lefebvre uma: “oposição a todas as expropriações” (LEFEBVRE, 1986, p. 08) consolidando por meio da prática urbana, a cidade como obra e uso, tornando o direito a cidade não um direito individual exclusivo, mas um direito coletivo concentrado.

De tal modo que que “não basta observar, devendo-se procurar compreender o que a observação revela, para isto deve-se estar apto a poder julgá-la e interpretá-la acertadamente” (SARMENTO, 2005, p.23), para estarmos aptos a julgar a interpretar acertadamente o nosso objeto de estudo devemos nos apropriar da história e refletir sobre ela relacionando com a realidade atual, que é exatamente o que foi executado, encontrei diversos problemas na ocupação de espaços públicos e suas estruturas, fisicamente e subjetivamente, pois a intimidade que os atores sociais criam com o uso dos locais se encontra configurada e ligada ao espaço da cidade.

Ressaltamos que, parto da minha própria experiência de vida para construção desse trabalho, surgindo da própria inserção na cena underground de Campina Grande – PB. Sou natural da cidade de Patos-PB onde não existia locais públicos para serem ocupados, ao vir morar em Campina Grande – PB no ano de 2000, sempre observei que aqui existiam alguns locais para lazer e apresentações mas que não eram utilizados com frequência, já inserido na cena independente como seguidor, participei de vários eventos/shows em locais públicos, visivelmente se constatava a falta de estrutura dos locais, em relação a estrutura de outros eventos de cunho religioso em locais públicos que acontecem na cidade, recebem uma estrutura bem melhor e mais satisfatória. Utilizando a observação direta para nortear o meu olhar, atentando ao contexto e a tudo que acontece ao espaço observado, aguçando a substituição da curiosidade por indagações e reflexões acerca da cidade, e a falta do direito a ela, usando de comparações e alteridade, nascendo da minha inserção no movimento independente/underground como espectador da cena, estando disposto a vivenciar a experiência de destravar e destrancar um segmento pouco explorado, aproximando-se ainda mais desde segmento ao qual faz parte da minha vida, caracterizando assim uma etnografia.

Para ultrapassar os limites da pesquisa bibliográfica e observação utilizei da ferramenta entrevista semidirigida como escopo, onde as autoras Boni e Quaresma refletem que:

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. (BONI e QUARESMA, 2005, p.72).

Desta forma, como aporte de todo o processo de escuta, foi elaborado um roteiro (vide Apêndice), para servir como guia na entrevista, na intenção de que os sujeitos se sentissem à vontade para contribuir, sendo gravada e, posteriormente, transcrita. Entrevistei a banda T.O.S.I., a única hoje ainda atuante no bairro das Malvinas.

O objetivo da pesquisa é apresentar quais contribuições a partir da leitura que realizam seus membros, das letras e como analisam as disposições materiais de

estrutura da cidade, assim, para que a banda não só consiga apresentar a sua arte, mas também promova o direito à cidade tendo como elo principal o skate, cena essa demarcada através do aprofundamento entre os usos e apropriação da cidade pelas juventudes e a falta de estrutura e persistente ausência dos locais públicos democráticos oferecidos pela cidade. Assim, buscaremos analisar se esse discurso é entendido pelo público e, se ocorre tal compreensão, por que não se traduz em ação coletiva, seja em forma de protesto, de busca de direitos (cidade, trabalhistas e etc.) ou de informação. Essa proposta de pesquisa visa dar à luz a um olhar para a cena independente de bandas que vivem fora de um padrão comercial, sempre negligenciadas pelo poder público, sendo reconhecidas como parte do movimento underground, uma expressão artística que se orgulha em permanecer no subterrâneo em relação às atrações artísticas de altos orçamentos financeiros e grandes lucros. Essa cena independente em específico, se insere no cenário cultural não só em Campina Grande – PB, mas também em todas as cidades, se transformando em um avesso ao padrão normativo de comportamento, é sinteticamente o contrário de *mainstream*,² A cena independente/underground tem como argumento de ser o não popular, que está fora da grande mídia.

Em Campina Grande assim como em todas as cidades brasileiras que possuem uma cena independente ou underground, todas as bandas encontram grandes dificuldades para conseguir locais públicos para se apresentarem, o estilo de vida mais agressivo e o modo de se vestir, acessórios como roupa rasgada e piercing que visualmente vislumbram indivíduos de camadas periféricas, reflete um estigma que afugenta olhares higienistas, a dificuldade de obter locais públicos começa pelos estigmas “visuais” por parte dos trabalhadores e trabalhadoras ao adentrar em suas sedes municipais, quem vive em um cenário de cultura underground/independente já passou por situações que em certas sedes de instituições públicas, você é bem recebido por estar ligado a um padrão de vestimentas.

Viver em uma sociedade injusta que aprofunda a fome, miséria e desigualdades, crescente realidade tantas vezes negligenciada, é o que norteia as letras subversivas das bandas: a raiva da vida cotidiana, exemplos de músicas como “Belo Monte” criticando a construção da usina que “invadiu as terras dos índios Kaiowás e a música “ Capital” que descreve os malefícios de viver em um sistema que enquadra todos os indivíduos como produtos à venda, sem receber nada em troca, todas as músicas do álbum “ O Silencio que não paga” (2018). Conforme apontado anteriormente, o underground ou cena independente nasce nos anos 1960 de uma forma global, em uma espécie de reação em cadeia em diferentes movimentos, onde começou a se destacar a banda The Stooges(1967), reconhecida como precursora da cultura punk que irá se enraizar nos anos 1970 influenciando toda uma geração até os dias atuais, tornando-se um espelho de como se originou a cena underground/independente pois suas características marcaram e marcam os dias atuais.

Localmente, as bandas situadas na cena independem/underground campinense após um mapeamento quando iniciei a pesquisa, proferem um discurso

²Em português, *mainstream* designa um grupo, estilo ou movimento com características dominantes. Este conceito está relacionado com o mundo das artes, principalmente com a música e literatura. Fonte: <http://www.significados.com> Disponível em: Acesso em 09 nov.2020.

político em suas letras. Bandas essas que combinam o estilo punk com *hardcore*³, estilos que apresentam características de enorme agressividade e confrontação, sempre lidando com temas considerados tabus pela música popular, Ações contra o sistema, autoridade e dogmas societários são bastante ouvidos no vocabulário lírico do Punk – Hardcore, mostrando sem rodeios a desigualdade e os efeitos do capitalismo em suas vidas. Deste modo, a presente pesquisa busca compreender se esse discurso se transformando em ação gera algum tipo de impacto na cidade de forma a destacar o uso e apropriação dos espaços públicos pelas juventudes em busca do direito à cidade, do direito de serem reconhecidos como tais.

De tal modo, iremos abordar o discurso de política a partir da perspectiva de Norberto Bobbio (1987), o autor elucida que a palavra política deriva do grego *politikós*, expressando a respeito a tudo que é da cidade, onde ao longo do tempo o termo política passou de aquilo que é da cidade para um modo de saber lidar com as coisas da sociedade, Bobbio(1987) constata que falar de política como prática humana deve se pensar no conceito de poder, estando ligado a ideia de posse dos meios para se obter vantagem de um indivíduo sobre o outro, assim o poder político se diz respeito ao poder que um indivíduo exerce sobre os outros.

A partir dessa reflexão, propomos os seguintes problemas de pesquisa: que poder tem o discurso político da banda T.O.S.I. sobre a cidade? Podemos entender que os discursos presentes nas letras da Banda T.O.S.I apontam problemas de direito à cidade, desigualdade social, miséria e fome, colocando por ênfase a relação entre juventudes e cidade. Em nossa compreensão, o Estado como a instituição responsável pela ordem social, não consegue constituir todo o bem estar que a população espera, de tal maneira que as letras e ações subversivas trazem à tona a usurpação do direito à cidade. Este Trabalho de Conclusão de Curso já se coloca enquanto contribuição de um processo em construção, para além da academia, pois, através dele, temos a possibilidade de criar um grupo para movimentar a cena na tentativa de construir incidência política no sentido de pautar e publicizar algumas problemáticas. De tal modo que, é sempre interessante que o trabalho forneça essa ferramenta de práxis, teoria e ação em conjunto com os benefícios que possa trazer.

2 BAIRRO DAS MALVINAS: MORAR, OCUPAR e CANTAR

O Conjunto Habitacional Álvaro Gaudêncio, hoje identificado como Bairro das Malvinas, foi construído através do Banco Nacional de Habitação (BNH), na década de 1980, construído pela Companhia Estadual de Habitação (CEHAP), mas antes de ser entregue foi ocupado pela população em 23 de março de 1983. De acordo com Lima (2010), os fatores que impulsionaram a ocupação foram: o alto fluxo migratório, a demora para concluir a obra e a falta de oferta de moradia para a população de renda menor que não tinha sido entendida pelos programas habitacionais. Quando o Conjunto Habitacional foi ocupado, as casas já estavam prontas para moradia, mas faltavam a rede de saneamento básico e eletricidade.

³ O estilo musical hardcore surgiu no final da década de 1970 e começo de 1980, nos Estados Unidos e na Europa, quando algumas bandas de *punk rock* começaram a acelerar o ritmo das músicas, com notas mais cruas e pesadas.

Figura 1 - Conjunto Álvaro Gaudêncio



Fonte: www.camaracg.pb.gov.br/vereadores-prestam-homenagem-aos-38-anos-da-ocupacao-do-alvaro-gaudencio-malvinas/

A alcunha Malvinas foi dada pelos ocupantes em referência a guerra entre a Argentina e a Inglaterra, pela posse das ilhas da Malvinas. Os ocupantes do Conjunto elaboraram diversas estratégias para permanecer no local, até que a estrutura básica fosse adquirida, esse período foi marcado pela falta de transporte público para deslocamento, além da falta de água e saneamento. A falta de estrutura dificultava a organização ocupacional dos moradores, por esse motivo de falta de deslocamento e locomoção começaram a surgir os primeiros estabelecimentos comerciais, à princípio dentro das próprias residências.

No decorrer dos anos o bairro passou por consideráveis modificações, a infraestrutura foi sendo adquirida até que passou a ser denominado Bairro das Malvinas em 1983. A estruturação do Bairro a partir da chegada de equipamentos públicos, propiciou o crescimento e expansão de vias, multiplicando os estabelecimentos comerciais e maior movimentação de fluxo de pessoas/veículos. Dessa forma o Bairro das Malvinas se apresenta como uma área da cidade construída através da subversão de uma população sem acesso à moradia, na luta por se fazer de direito de uma ampla conquista de cidadania.

Neste resgate importante localizar a percepção que os componentes da banda T.O.S.I colocam o Bairro das Malvinas por ter esse exemplo de resistência, sempre existiu uma cena específica, tão somente dela, a exemplo do uso da SAB (Sociedade Amigos do Bairro) para ensaio no bairro pelas bandas locais. O que contribuiu individualmente também para a formação de um movimento de uso dos locais públicos que o bairro oferece, fortalecendo a possibilidade de que mais bandas se motivassem a serem criadas, como explica o vocalista e idealizador da banda:

Diretamente com o surgimento da banda não, mas tem influências nos indivíduos, por exemplo assim, comigo realmente o fato de ser *um bairro*

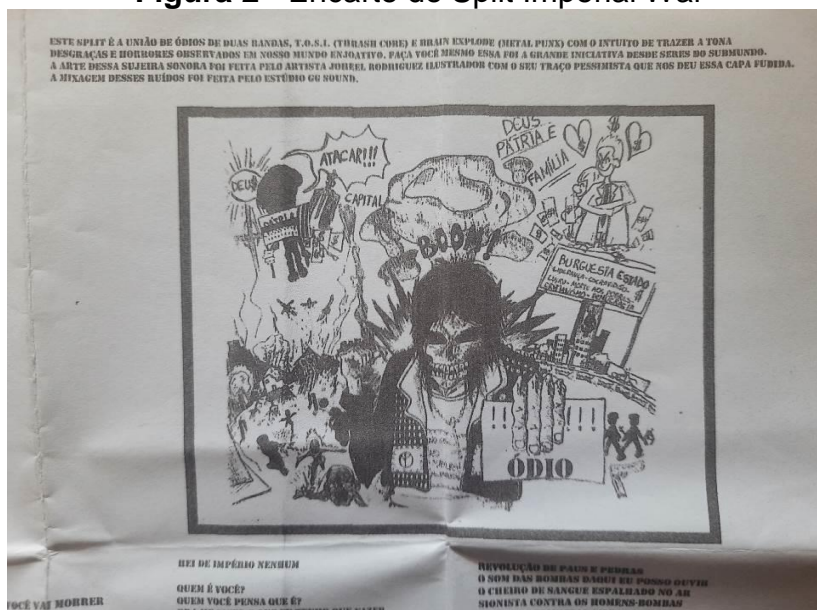
referente de resistência e ocupação, teve uma influência[grifo nosso] pelo menos pra mim, quando eu comecei a me envolver com banda, outras bandas aqui, eu comecei a ver ensaios de outras bandas, que rolava em uma SAB, na SAB do bairro, então já era mais um processo de ocupação, das bandas se movimentarem dentro do próprio bairro, de algumas tocadinhas que ocorreram aqui, então assim, esse contexto histórico do bairro grifo nosso] vai ter mais uma influência mais individual do que no geral da banda, no surgimento da banda, até porque quando a banda surgiu já eram outras movimentações.” (Masculino, 35a)

Em termos gerais, a cena local dentro do bairro estabeleceu uma capilaridade com outros espaços da cidade. Visto que outros componentes, que não residem no mesmo bairro, mas que se deslocam para os ensaios que acontecem dentro do Bairro das Malvinas, sendo assim, não só para ensaiar, mas como ocupação dos espaços públicos andando de skate chamando a atenção pelo movimento que se originou duplamente, música hardcore punk e skate, assim o guitarrista da banda expressa:

Eu acho que isso influenciou no underground, acho que a Malvinas tem uma cena específica, acho que nenhum outro bairro de Campina tem uma cena assim da galera das Malvinas, a galera do Catolé, do Cruzeiro da mesma forma que é das Malvinas, acho que é uma cena expressiva grifo nosso] assim, até grande, acabou me influenciando porque eu moro no Cruzeiro, alguns bairros depois passei a frequentar a galera a partir do skate, e a galera das Malvinas me influenciou também, tem essa influência assim. (Masculino, 25a).

As Malvinas por ser um bairro periférico com uma marca de ocupação, conflitos, despejo, remoções e violência, reflete diretamente em forma artística utilizada pelos moradores, as letras da banda T.O.S.I. não poderiam ser diferentes, letras e discursos que trazem “à tona desgraças e horrores observados em nosso mundo enjoativo. Faça você mesmo foi a grande iniciativa desses seres do submundo.” (T.O.S.I, 2016, IMPERIAL WAR).

Figura 2 - Encarte do Split Imperial War



Fonte: Autoria Própria, 2022.

3 A BANDA T.O.S.I E O DISCURSO DIY

É frequentemente utilizado pelos integrantes da banda o lema do “faça você mesmo”, lema esse integrado pelos punks brasileiros na década de 1980, o termo DIY(Do It Yourself)⁴ é um lema recorrente na cena punk hardcore, combinando ação e criatividade, a cultura DIY também combinada com o skate, intensificando a prática nas ruas, na década de 1990 é definida pela capacidade que os skatistas identificam e criam espaços interessantes para a prática, para o desconforto de proprietários e administradores dos espaços existentes na cidade, o lema: se você não gosta do que existe, faça você mesmo; é usado para ocupar e transformar qualquer local em uso frequente pelos skatistas, nascendo um novo equipamento urbano para a prática do skate. A cultura DIY no skate evoluiu para a ideia de que os skatistas devem sair e encontrar algo apropriado para a prática de seu esporte, assim como um movimento global que é definido como um desejo de recuperar e remodelar espaços públicos através da autoconstrução de equipamentos que possibilitem a prática de skate, bem como a execução de manobras radicais, esses espaços em sua maioria são abandonados ou subutilizados.

A cultura DIY opta sempre pela ação direta, revelando em certas ocasiões atitudes individuais de um determinado grupo, a espera infinita de que o Estado possa contribuir com a reconstrução ou construção de um espaço público com toda estrutura e equipamentos necessários faz com que ocorra o processo do faça você mesmo, deixando de lado a luta coletiva em busca de espaços fixos, que realmente atendam o uso de um evento ou banda, a falta de estrutura em um possível DIY para organizar uma “tocada” de uma determinada banda, engloba alguns perigos, como podemos observar na Figura 9, o local certado por arames farpados e a exposição de fios elétricos trazidos de outro local.

4 CAMPINA É GRANDE, NÃO PARA A CENA INDEPENDENTE

Na cidade de Campina Grande – PB existem espaços para ocupações e apresentações, a cidade dispõe da concha acústica na praça dos “Hippie” Clementino Procópio (Figura 3), Redoma do Açude Novo (Figura 4), Cine São José (figura 5), Pirâmide do Parque do Povo (figura 6), Parque de Bodocongó (Figura 7) com seu palco aberto situado no Bairro de mesmo nome e nos galpões do Museu do Algodão situado no bairro Estação Velha (Figura 8). Alguns desses locais faltam estruturas para a apropriação do espaço público, no palco do Parque Bodocongó falta teto para proteger os equipamentos de uma possível chuva, na redoma do Açude Novo da mesma forma, ser a céu aberto desfavorece a apresentação, nos outros locais que são competências do poder público municipal esbarram na “burocracia” do “vai e vem” como relatou o vocalista da banda:

[...] *A questão geralmente são os órgãos que jogam um pro outro* [Grifo nosso] você vai na SESUMA [Secretaria Municipal de Meio Ambiente] pedir

⁴ Foi o movimento punk que se apropriou melhor e mais intensamente da prática Do It Yourself: a ideia do “faça você mesmo” ganhou campo em décadas anteriores, mas as bandas da segunda metade dos anos 1970, notadamente em Londres e Los Angeles, tomaram a expressão como palavra de ordem.

um espaço os *bicho* diz que é em outro Departamento, você vai no Gabinete do Prefeito o *bicho* diz que é na SESUMA, fica lhe jogando de um lado pra o outro [...] (Masculino, 34a).

Figura 4 - Concha da Praça Clementino Procópio.



Fonte: Autoria Própria, 2022

Figura 3 - Redoma Parque Evaldo Cruz - Açude Novo.



Fonte: Autoria Própria, 2022

Figura 6 - Cineteatro São José - Parte Externa.



Fonte: Autoria Própria, 2022.

Figura 5 - Pirâmide Parque do Povo.



Fonte: Autoria Própria, 2022

Figura 7 - Redoma Parque de Bodocongó.



Fonte: Autoria Própria, 2022.

Figura 8 - Galpão do Museu do Algodão.



Fonte: Autoria Própria, 2022

Outro problema apontado é a falta de disposição e agilidade dos órgãos cabíveis para a liberação dos locais, segundo o vocalista, a banda pediu a liberação da Pirâmide do Parque do Povo dois meses antes de um show/evento para uma futura data, a Prefeitura enviou o e-mail liberando apenas um dia antes da data estipulada para o evento, sem condições de fazê-lo em apenas vinte e quatro horas.

5 REAPROPRIAÇÃO DOS LOCAIS PÚBLICOS.

O sentido de andar de skate da banda e fazer uso da cidade como equipamento urbano propõe um novo olhar, quando acontece a reapropriação local os indivíduos que usam que não é apenas a banda, faz a ação por consequência de segurança e cuidado do local, assim como o guitarrista da banda analisa:

Agora eu acho o principal espaço de skate aqui em Campina é a Praça redonda né (Açude Velho), um espaço que não foi feito pra skate mas os skatistas se apropriaram do espaço, desde o começo dos anos 2000 a gente cuida e anda lá ne, cuida mexe na praça e tal [Grifo nosso]. (Masculino, 22a)

A Prefeitura não reconhece essa ação remodeladora dos skatistas do equipamento público, no Natal de 2021 os órgãos municipais que executam esse tipo de manutenção, quebraram o chão para colocar uma árvore de natal enorme, em uma tentativa de colocar em prática um micro processo de higienização social e física do local, para que os frequentadores que fossem ao *Evento Natal dos Sonhos*, não observassem a Redoma do Skate no Açude Novo(Figura10), excluindo os skatistas, negando a permanência desse espaço aos praticantes usuais daquele lugar. A reapropriação de locais públicos já foi uma recorrência em Campina Grande – PB, manifestações em torno da revitalização do Açude novo criaram movimentos como o *Ocupa Açude* e um evento usando da ação direta DIY (Faça Você Mesmo) ocupou o lado externo de um restaurante abandonado no Açude Novo (Figura 9)

que ainda possui teto para a proteção dos equipamentos, “pegando” a energia de um dos postos das Prefeitura de forma não autorizada, batizado de Dias de Cultura Punk – Estado de Agonia transformando o local e dando um novo olhar, uma nova vida.

Figura 9 - Restaurante abandonado ocupado para o Dias de Cultura Punk.



Fonte: Autoria Própria, 2022.

Figura 10 - Redoma do skate - Açude Velho.



Fonte: Autoria Própria, 2022.

O bairro das Malvinas tem um importante papel nessa ação remodeladora, como um fio condutor, com a maior concentração populacional da cidade, cerca de 88.457 habitantes (IBGE – 2008), o bairro sofre com a falta de estrutura de locais públicos para serem ocupados, faltam praças cobertas para apresentações e espaços cobertos para andar de skate (vide figura 11) que são os dois segmentos que os componentes da banda usufruem, onde os equipamentos existentes na cidade aparentemente são construídos para não serem ocupados, falta do teto e melhores fontes de eletricidade para ocorrer o evento/show vide Figura 4, 7 e 10, trazendo à tona uma denúncia e reflexão crítica sobre os usos dos espaços públicos na cidade, assim como a situação do lazer na periferia, seja através das letras como a música *Skaterapia*, retratando a liberdade em andar de skate pelas ruas, independente de onde vá, o skate por ser um esporte radical criado exatamente para ser usado nas ranhuras das ruas da cidade, sem necessidade de um local específico, ou ainda, ressignificando e subvertendo de uma maneira criativa a forma dos usos dos equipamentos urbanos.

Figura 7 - Pista de skate - Projeto Cidadania.



Fonte: <https://agendapb.com.br/prefeitura-de-campina-grande-apresenta-neste-sabado-a-comunidade-das-malvinas-a-estacao-cidadania-cultura>> Acesso em 16 junho 2022.

Podemos observar que o skate de rua não se separa dos espaços da vida cotidiana, desse modo a sua presença nas ruas, praças e calçadas comumente é vista, como atividade clandestina e por isso mesmo, motiva a repressão as vezes somente no olhar, quase sempre física. Rampas, corrimões, palcos, tablados e elevações, espaços públicos subutilizados transformam-se em lugares assiduamente frequentados por skatistas, atribuindo um novo sentido e novas qualidades aos materiais públicos. Refletindo especificamente do skate, esporte radical que sempre quebrou muitas barreiras desde seus primórdios como na década de 70, considerada a era de ouro do esporte, foi nessa época que o grupo de skatistas Z-boys ⁵em Los Angeles começou a utilizar piscinas vazias, criando o skate vertical. Existe uma incansável batalha dos skatistas contra certas regras impostas pelo trânsito da cidade, a disputa de espaço com os automóveis sempre será danosa, a cidade ainda não está preparada para o skate. Padrões de mobilidade urbana como carros e motos fazem esquecer das outras formas de uso em um modelo de cidade ultrapassada, mas na vida urbana onde acontece os encontros de trocas sociais, o skate por não ter barreiras de metais, apenas rodinhas, admitindo uma ordem rebelde, mantendo-se a margem do que é socialmente aceito, como explica Machado:

O skate sempre quebrou muitas barreiras impostas pela sociedade. Desde os seus primórdios há uma incansável batalha dos skatistas contra certas regras impostas, padrões sociais e moralidades esperadas. Isso se revela em vários planos, seja na esfera do consumo, em seu viés esportivo, nos relacionamentos entre diferentes gerações, nos usos que faz da cidade. O skate é, portanto, subversivo, sendo difícil conte-lo em rótulos a priori (MACHADO, 2016, p.26).

⁵ Formalmente conhecidos como os Z-boys, os garotos que trabalhavam ou eram aprendizes na loja ficaram conhecidos por moldar pranchas, surfar e andar de skate. Jeff Ho formou a Zephyr Surf Team, que era uma equipe composta por surfistas locais que frequentavam o Pop Pier na área de Dogtown.

Podemos fazer uma relação de engajamento e estrutura por parte da Prefeitura, quando observamos outros outro segmento: eventos de cunho religioso, especificamente na redoma Parque Evaldo Cruz – Açude Novo (Figura 4), anualmente no mês de junho acontece/acontecia o evento Cantinho da Bênção (Figura 12), com uma boa estrutura para apresentações de bandas, podemos observar tendas (Figura 13). Em seu banner de apresentação o logo da Prefeitura é estampado como patrocinador, em contra partida, estamos a alguns meses tentando uma reunião através da Vereadora Jô Oliveira (PC do B) com a SESUMA (Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente), para apenas “descobrimos” qual seria a melhor forma de solicitar os espaços públicos da cidade, pois através dos métodos que eram designados pelos próprios Secretários, de adequados, a banda e outros artistas independentes/underground, não consegue ou existe uma demora fora do comum. Uma cidade democrática é a que dá sentindo a ocupação dos espaços, mesmo diante de fragmentações de estilos e segmentos, todos precisam ser contemplados da mesma forma, para haver coesão e inclusão.

Figura 12 - Cantinho da Bênção.



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/cantinho.dabencao.39>>
<<https://www.facebook.com/cantinho.dabencao.39>> Acesso em: 07 de Julho de 2022.

Figura 13 - Estrutura Cantinho da Bênção.



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/cantinho.dabencao.39>>
<<https://www.facebook.com/cantinho.dabencao.39>> Acesso em: 07 de Julho de 2022.

6 A JUVENTUDE HARDCORE QUE NÃO OCUPA

Em Campina Grande - PB não se encontra grupos e coletivos especificamente da cena Independente/Underground, não existe manifestações a respeito dos desafios vivenciados da juventude que tenta ocupar os espaços da cidade para o exercício dos seus direitos, em relação ao estado de Pernambuco, podemos observar várias páginas de coletivos nesse seguimento, Coletivo M-1 (Figura 14) , Movimento Hardcore Antifa PE (figura 15), Cena Underground nas Ruas/PE (Figura 16) e Coletivo O Front (figura 17), são exemplos de organizações de juventude que se manifestam e defendem a cena em nosso estado vizinho. A questão da cidade surge como primordial, a concentração de oportunidades de

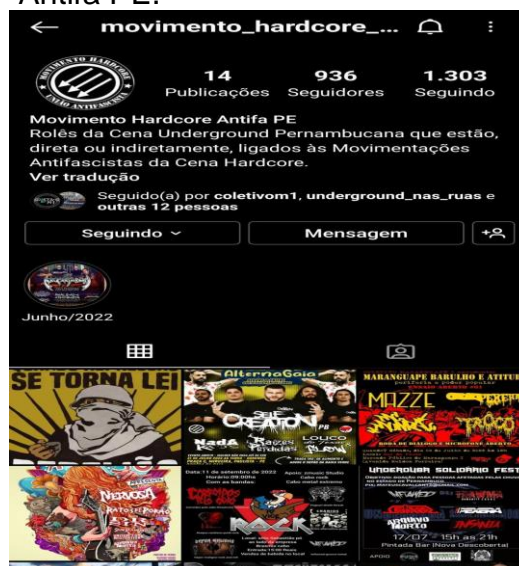
emprego nas regiões mais centrais da cidade, a limitação que acerca a mobilidade urbana e a falta de acesso aos benefícios gerados pela vida urbana aguçam essa inercia da cena, é inegável que o cansaço e a falta de tempo é um dos fatores que destoam, o tempo que se perde esperando e dentro de um ônibus urbano para o trabalho em uma região central de Campina Grande- PB beira o imoral, o caos do transporte público é extremamente apático, a disposição de construção de identidade e do fazer político-cultural é extremamente limitado em Campina Grande-PB, os movimentos de juventude populares se limitam apenas aos entraves da universidade, quando elaboram algum movimento cultural não contemplam o movimento Hardcore e afins, produzindo um distanciamento da juventude organizada em movimentos, sendo esse mais um entrave para a criação de coletivos que defendam cena Independe/Underground. O surgimento de mídias livres e democráticas como são as páginas no instagram aqui já citadas, é uma precondição para convencer a juventude de que precisam ocupar os espaços da cidade, para conseguir o direito a cidade, é preciso reivindicá-lo, como agrega David Harvey “O direito à cidade não pode ser concebido simplesmente como um direito individual. Ele demanda um esforço coletivo e a formação de direitos políticos coletivos ao redor de solidariedades sociais.” (HARVEY, 2014) O direito a cidade é preciso que seja um grito, e a juventude organizada tem um papel fundamental nessa demanda, é preciso forçar abertura para essa representação, esse direito não é concebido a apenas em uma “visita” ao local e depois voltar para casa no caótico transporte público, o direito a cidade não é um presente ou se compra, ele precisa ser tomando pelo movimento político organizado.

Figura 14 - Coletivo M-1.



Fonte: Disponível em:
 <<https://www.instagram.com/coletivom1/>
 > Acesso em 9 de julho de 2022.

Figura 15 - Movimento Hardcore Antifa PE.



Fonte: Disponível em:
 <https://www.instagram.com/movimento_hardcore_pe/> Acesso em 9 de julho de 2022.

Figura 9 - Cena Underground nas Ruas/PE.



Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/underground_nas_ruas/ Acesso em 9 de julho de 2022.

Figura 8 – Coletivo O Front.



Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/front_antifa/ Acesso em 9 de julho de 2022.

7 CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, fizemos a leitura dos discursos da banda T.O.S.I. a partir de suas reflexões de maneira a estabelecer uma compreensão da cena skate e hardcore punk vinculando à dimensão do uso do espaço público na cidade, tomando por análise o Bairro das Malvinas. Em termos gerais, pensamos a relação com o bairro advinda da banda, bairro esse com histórico de ocupação e luta na cidade de Campina Grande – PB, tentando entender como surgiu a relação da banda com o skate e a cidade, para tanto, identificamos através das falas várias falhas nas estruturas públicas da cidade, ente os usos e desusos dos equipamentos públicos através do skate, os membros da banda não apenas postulantes como skatistas mas também como banda de periferia. Podemos perceber através dos seus discursos que a prática do skate se constitui por alguns sentidos que tem a ver com pertencimentos e ausências de espaços adequado à prática, gerando conflitos com o direito a ter acesso a áreas de lazer ocupadas por toda a cidade. O que denota e reflete a ausência do direito à cidade quanto ao uso de espaços públicos adequados, em todos os espaços citadinos.

Além da liberdade de andar pela cidade através do skate consequentemente faz-se usar a estrutura da cidade para obter o diálogo entre a imaginação e a criatividade da experiência urbana contemporânea nas ruas da cidade. Em determinados contextos o skate é visto como vandalismo, um perigo a integridade física da cidade e seus habitantes, na perspectiva de quem anda de skate, é apenas criatividade para se viver em uma cidade que não oferece políticas públicas adequadas. No urbano o skate está inserido, em termos mais abstratos, Borden (2003) identifica a forma de como se pratica skate, uma crítica da mercadoria e do

ideal moderno de cidade, uma vez que sua relação está ligada intimamente com o seu valor de uso e não em seu valor de troca.

O discurso enunciado pela banda ultrapassa os limites do palco, perpassado a ausência de uso dos equipamentos urbanos e públicos, para que esses locais tenham a capacidade de ter seu uso efetivado em base a sua função social. Merece destaque a ausência de uma política local que fundamente e valorize o trabalho desenvolvido na cena hardcore da cidade, faltam estruturas para que se efetue eventos e circuitos culturais que valorizem a cultura juvenil, toda essa reunião de conflitos observados, e sentido na pele pelos integrantes da banda consequentemente fortifica as suas letras, proferindo assim um discurso político, que emana intrinsecamente raiva ao sistema caótico que a cidade nos oferece, além de letras que trazem problematizações culturais e históricas.

Em relação ao discurso político da banda que advém ou se refere ao sistema público, que me é indagado por não ser transformado em ação se coloca pela ausência de uma ação em movimento através de coletivos ou redes que coesionem a cena independente e público dos shows. Dificuldade está aqui identificada como um distanciamento entre as letras e as vivências das juventudes que seguem e compõe essa cena na cidade, visto que , as letras da banda não são transformadas em ações pois o discurso proferido nas letras é de ação coletiva, que afeta todos, mas ideologicamente no dia a dia da banda, é proliferado um discurso individual, do faça você mesmo (DIY), onde a conquista individual não muda a realidade do coletivo, é preciso se fortalecer na criação de coletivos que aprofundem a discussão e que se construa e consiga um aparato de cidade que abrace todos, só através de ações coletivas, criação de grupos de trabalhos que estimulem a todos da cena a se levantarem contra esta falta de estrutura e equipamentos públicos junto as autoridades responsáveis . O discurso individual favorece ao estado de apatia que a cena independente/underground se encontra, quando o público observa esse estado de cansaço, através de suas atitudes, proliferando coercitivamente a apatia para a cena, acrescentado todos os problemas que a cidade oferece, como falta de transporte público de qualidade para se locomover, falta de segurança para prestigiar o evento em locais públicos, por isso é importante que se proponha um trabalho em conjunto entre skatistas, cena independente/underground na criação de coletivos, para tornar a cidade mais inclusiva, tanto para as pessoas usuárias do urbano como para os skatistas.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo e sociedade, por uma teoria geral da política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BONI, V.; QUARESMA, S.V. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. In: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. v.2, n.1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acesso em: 23 set. 2021.

BORDEN, Iain. **Skateboarding, space and the city: architecture and the body**. Londres: Bloomsbury Academic, 2001.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **L`urbain**. In: **Le retour de la dialectique: douze mots clefs pour le monde moderne**. Paris: Messidor/Éditions Sociales, pp. 159-173, 1986.

LIMA, Yure Silva. **A política habitacional em Campina Grande – PB (1988-2009)**. **Dissertação de Mestrado**, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

MACHADO, Giancarlo. **Coruja: as bruxas skatistas**. São Paulo: *Cemporcento Skate*, 2016.

SARMENTO, Helder. **Repensando os instrumentos em Serviço Social**. In: **Textos de teoria e prática de Serviço Social**. STOCKINGER, Silva da Costa (Org). Belém. Ed: Amazônia/UFPA, 2005. p. 6-48.

T.O.S.I. **IMPERIAL WAR**. Campina Grande, 2016.

APÊNDICE A – ENTREVISTA BANDA T.O.S.I.

Roteiro de entrevista

Banda: T.O.S.I (Todos Obrigados ao Sistema imundo)

Ano de criação: 2011

Estilo: Hardcore Punk

Componentes:

Vocal: Helton

Baixo: Marcos Korvot

Bateria: Rafael Lima

Guitarra: Lucas Torres

1. Existem locais públicos para apresentações? (Praças, conchas acústicas).
2. Em Campina Grande, quais são as dificuldades para a banda se apresentar? (Se tratando de locais públicos)
3. Qual o tipo de discurso ideologicamente que a banda pensa antes de elaborar as letras?
4. A banda percebe se o público entende as letras e se são colocadas em pratica no seu dia a dia?
5. O bairro das Malvinas em sua raiz histórica tem um processo de luta e ocupação, isso tem algo a ver com o surgimento da banda?
6. Quais bandas se inspiraram?